

conceito de vontade de poder propicie à sublimação maior alcance e fecundidade do que pode caber no triângulo edipiano de Freud. Isso, porém, seria matéria de um outro trabalho. Basta-nos aqui, como disse, a indicação nesse sentido.

Referências Bibliográficas

1. ASSOUN, Paul-Laurent. “*L’héritage de la psychanalyse*” in *Magazine Litteraire* n. 298, Avr 1992.
2. FREUD, Sigmund. *Das Unbehagen in der Kultur*. In *Werke* (ed. Alexander Mitscherlich et al). Frankfurt: Fischer Verlag, 1982.
3. GASSER, Reinhard. *Nietzsche und Freud*. Berlim/Nova York: de Gruyter, 1987.
4. LAPLANCHE, & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 3ed. Lisboa: Moraes, 1976.
5. NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Ed. G. Colli e M. Montinari. Kritische Studienausgabe. Berlim/Nova York/Munique: de Gruyter/DTV, 1980.
6. _____. *Ecce Homo. Por que sou tão sábio 7*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em *Sobre a concepção das afasias* (1891) de Freud

Richard Theisen Simanke

Professor do Departamento de Filosofia e Metodologia
das Ciências da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Este trabalho recebeu o apoio do CNPq, sob a forma da Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida ao projeto *Consciência e representação em psicanálise: alcance e limites da reflexão metapsicológica*, ao qual se encontra relacionado e do qual apresenta uma parte dos resultados.

Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em *Sobre a concepção das afasias* (1891) de Freud

O objetivo deste artigo é mostrar que o ensaio crítico *Sobre a concepção das afasias*, escrito por Freud em 1891, é o primeiro passo para a formulação de uma doutrina da representação, cujas características iniciais permanecerão inalteradas ao longo de todo o desenvolvimento da obra e cuja compreensão é indispensável para a elucidação desse amplo projeto teórico de fundamentação de uma ciência naturalista da mente, que Freud denominou metapsicologia.

Palavras-chave: psicanálise, Freud, metapsicologia, representação, associacionismo, atomismo psicológico

Mind, perception and language: elements to a metapsychology of representation in the *Conception of aphasia*

The aim of this paper is to show that Freud's *Conception of aphasia* is the first step towards the framing of a doctrine of representation whose main features remain unchanged throughout the further developments of his work. The right comprehension of such a doctrine is a fundamental requirement in the study of Freud's metapsychology conceived as a naturalistic *science of the mind*.

Key words: psychoanalysis, metapsychology, representation, associacionism, psychological atomism.

Introdução

O ensaio freudiano sobre a afasia (Freud 8) já foi objeto de numerosos estudos¹, e sua importância histórica para a fundação da psicanálise tem sido amplamente reconhecida. Talvez a principal evidência dessa importância seja a formulação dos conceitos de representação de palavra (*Wortvorstellung*) e representação de objeto (*Objektvorstellung*), distinção que foi largamente empregada por Freud em momentos cruciais da reflexão metapsicológica posterior (Freud 11, p. 115; Freud 12, pp 197-200; Freud 13, p. 227, entre outros). O que se pretende no presente trabalho é retomar a formulação inicial desses conceitos, assim como outras noções propostas por Freud, para mostrar, em primeiro lugar, de que modo eles pressupõem toda uma revisão da concepção sobre a natureza do fato psicológico e de sua relação com o cérebro e o sistema nervoso, implícita nas teorias localizacionistas criticadas por Freud em seu ensaio. Em segundo lugar, trata-se de mostrar como essa revisão conduz à formulação de uma outra concepção de representação, presente em todas as elaborações metapsicológicas posteriores. Com isso, pretende-se argumentar, por um lado, que a monografia sobre as afasias é não apenas importante para a compreensão da metapsicologia freudiana, mas constitui, de fato, seu passo inaugural e decisivo; por outro lado, que o conceito de representação é crucial para o projeto metapsicológico freudiano

¹ Para citar apenas alguns, mencionemos Greenberg 19, Henderson 21, Marx 28, Miller 29 e Rizzuto 33, 34, 35. No Brasil, cabe destacar Araújo 2, Birman 4, Caropreso 6, Gabbi Jr. 16 e Garcia-Roza 18.

e pode ser considerado um *Grundbegriff* tão legítimo da teoria psicanalítica quanto aqueles via de regra reconhecidos como tais (pulsão, inconsciente, repressão etc.). Por fim, tentar-se-á mostrar que é o sentido específico desse conceito de representação aí formulado que permite romper com a identificação entre o psíquico e o consciente – ruptura não só característica, mas, no limite, constitutiva da psicanálise –, assim como ultrapassar o paralelismo psicofisiológico e, de modo mais geral, as concepções dualistas sobre a relação mente-corpo ou mente-cérebro. Nenhuma dessas posições é claramente assumida em *Sobre a concepção das afasias* e, embora o inconsciente vá tornar-se uma peça central do ideário psicanalítico, já nos anos imediatamente posteriores a 1891, a superação do paralelismo assumido inicialmente tem uma história mais complicada, tendo sido negligenciada por diversos comentadores, apesar das renovadas reivindicações materialistas de Freud. Desde esse ponto de vista, o conceito de representação esboçado por Freud nesse escrito inicial pode aparecer como a chave para a elucidação de muitos desenvolvimentos conceituais de sua metapsicologia, e estes, por sua vez, como o resultado da exploração das possibilidades abertas por essa primeira formulação de uma teoria da representação. Essa exploração certamente permaneceu incompleta no trabalho sobre as afasias, mas começou a efetuar-se em obras imediatamente posteriores, como o *Projeto de uma psicologia* (Freud 9). Mesmo assim, talvez muitas das conseqüências dessa teoria tenham deixado de ser incorporadas por Freud, pelo menos de forma explícita e inequívoca, a suas reflexões teóricas mais tardias, podendo-se sugerir, assim, que a avaliação do alcance e da eventual atualidade das teses metapsicológicas deva levar em conta esse saldo.

Crítica da localização e crítica da representação

Deixando deliberadamente de lado, então, a questão que está em primeiro plano nesse ensaio crítico freudiano – o problema específico das afasias –, concentremo-nos exclusivamente no exame da concepção de representação aí formulada quase como um produto secundário ou, pelo menos, derivado dessa crítica. De fato, Freud afirma, na abertura de seu ensaio, que, como a teoria das localizações cerebrais é a peça fundamental da concepção da afasia proposta por Wernicke, que ele se propõe a revisar, seu trabalho pode ser considerado também um exame crítico abrangente dessa teoria (Freud 8, p. 39). Ora, o *localizacionismo*, na medida em que se pode traçar um denominador comum para as diversas concepções que essa rubrica abriga, não é apenas uma teoria sobre a estrutura e o funcionamento do sistema nervoso enquanto tal: ele é, antes e acima de tudo talvez, uma teoria sobre a relação entre a anatomia e a fisiologia do sistema nervoso, por um lado, e as funções psíquicas que ele sedia ou que a ele estão de alguma forma vinculadas, por outro. Isso porque, evidentemente, são justamente essas funções psíquicas que se procura localizar em áreas anatomicamente delimitadas do cérebro, e do córtex cerebral em particular. Há, portanto, inevitavelmente, uma psicologia implícita ou explícita nas teses localizacionistas, isto é, um conjunto de hipóteses sobre a natureza daquilo que se pretende localizar. Assim, a crítica freudiana ao localizacionismo deve comportar, também uma avaliação e uma reformulação da psicologia nele contida; e uma reflexão sobre o conceito de representação que emerge dessa crítica deve perguntar-se, em primeiro lugar, que psicologia é essa, qual o sentido do conceito de representação que se pode dela deduzir e de que maneira a crítica das concepções localizacionistas da linguagem e de seus distúrbios pode levar a uma revisão significativa desse conceito, de modo a dar origem àquela que se firmará daí em diante na metapsicologia freudiana.

A psicologia implícita nas teses localizacionistas pode, de modo geral, ser identificada ao conjunto de doutrinas psicológicas comumente designadas como *associacionismo*. A teoria das localizações cerebrais e a doutrina da associação de idéias foram não somente os dois grandes debates do último terço do século 19 nessa área de conhecimento (Forrester 7, p. 37), como representam os dois lados da concepção então dominante sobre a relação entre as funções psíquicas e a neurofisiologia do cérebro, de modo que as teses principais de cada uma dessas doutrinas são claramente reconhecíveis no lado contrário². Para além da teoria da afasia especificamente proposta por Wernicke e ampliada depois por Lichtheim, Freud visa, em sua crítica, uma teoria bem mais abrangente sobre a natureza da função nervosa e cerebral, e de sua relação com o mental subentendida nesses autores, cujo principal codificador foi Theodor Meynert. Wernicke reconhece, explicitamente, na abertura de seu trabalho inaugural sobre a afasia, que as idéias ali postas consistem em uma aplicação especial das concepções mais gerais de Meynert (Wernicke 40, p. 92; Freud 8, p. 86). Meynert, por sua vez, assimila claramente em sua obra a influência, então amplamente disseminada, do associacionismo britânico nos meios científicos alemães. Mais especificamente, como aponta Amacher (1, p. 28), esta reveste-se aí da formulação que recebeu no pensamento de James Mill, em cuja “mecânica mental” certos princípios filosóficos e psicológicos do empirismo adquirem sua formulação mais extrema. A caracterização esquemática da psicologia associacionista esboçada a seguir, em seu esforço de acenar alguns de seus traços distintivos, tende a reencontrar, por isso, a forma específica que esta assume em James Mill ou, pelo menos, pode buscar nele os exemplos mais ilustrativos.

² De fato, o trabalho de Hughlings Jackson – principal referência freudiana, em seu ensaio, do lado da neurologia – visava acima de tudo deslindar a confusão epistemológica entre concepções psicológicas e neurofisiológicas por ele diagnosticada na neurologia de sua época. O ensaio freudiano dá continuidade a esse esforço, mas, num certo sentido, o ultrapassa, como se procurará demonstrar adiante.

Um desses traços distintivos, que se foi acentuando na história do empirismo britânico e do associacionismo até encontrar sua expressão mais cabal na psicologia de Mill, é o *atomismo psicológico*. À doutrina de que todo conhecimento provém da experiência, segue-se a dissolução progressiva da concepção da mente como um centro de atividade organizadora e sintética dos processos psíquicos, doravante considerados como resultantes da recepção passiva de impressões sensoriais que, assim como as sensações e idéias a que dão origem, se auto-organizam segundo diversos princípios associativos. A idéia de uma mente passiva – *tabula rasa* onde a experiência escreve o que se constituirá como o mental –, na medida em que exclui a existência de uma forma, estrutura ou organização prévias à recepção das impressões, de qualquer ordem que lhes possa ser imposta por um princípio interno, anterior e independente da experiência, tende, por si só, a colocar a ênfase nas propriedades do elemento na determinação do psíquico: o elemento, com suas características próprias, pré-existe a todo e qualquer processo complexo onde possa vir a ser incluído. Segue-se daí, mais ou menos naturalmente, que as propriedades desse complexo dependem das propriedades pré-existentes no elemento, e não o contrário. A realidade última do mental consiste, então, no átomo psicológico da sensação ou da representação elementar que lhe corresponde. Essa concepção se manifesta claramente na metodologia da pesquisa introspeccionista que nela se apóia, na busca obsessiva e artificial pelo isolamento experimental da sensação simples supostamente objetiva, metodologia que mais tarde foi tão agudamente criticada pelos teóricos da *Gestaltpsychologie* (Köhler 26, pp 44-61, por exemplo). Geralmente expresso na fórmula “o todo não é mais do que a soma das partes”, o elementarismo psicológico do associacionismo é tipicamente ilustrado pelos exemplos de Mill, quando este afirma que a idéia de casa resulta da soma das idéias das tábuas, pregos, tijolos que a compõem ou, numa hipérbole que se tornou clássica, que a idéia de Tudo (*Everything*) resulta da soma das idéias de todas as coisas (Boring 5, p. 226): ainda que condensados e

fusionados, os elementos subsistem no interior do complexo e a ele conferem suas características. O fato de que Freud, em *Sobre a concepção das afasias*, tenha, num momento decisivo da elaboração de seu argumento, recorrido a Stuart Mill – cuja noção de uma “química mental” coloca restrições importantes a esse elementarismo generalizado – pode servir para indicar o quanto o atomismo psicológico implícito da teoria das localizações cerebrais é, ali, um de seus alvos.

Para um pensador como Freud que, oriundo da neurologia, se encaminha para a formulação de uma teoria psicológica, o problema das relações entre o mental e os processos neurais se coloca imediatamente. Cabe perguntarmo-nos, então, qual a concepção dessa relação, implicada pelo elementarismo associacionista e pela teoria das localizações cerebrais, que retoma suas fórmulas no plano neurológico. O que se procurará argumentar na continuidade é que a solução aí implicada é o *paralelismo psicofisiológico* – que Freud ainda endossa explicitamente em seu ensaio sobre a afasia –, o qual, contudo, resulta justamente na identificação entre o psíquico e o consciente, sobre cuja recusa Freud erigirá a psicanálise. Essa recusa implicaria, portanto, no abandono do paralelismo, o que não se dá em *Sobre a concepção das afasias*, texto que, não obstante, parece conter já os instrumentos para a revisão dessa concepção que Freud empreenderá logo a seguir.

Esquemáticamente, para o empirismo associacionista, todo conhecimento – e, mais genericamente, todo ato mental – tem sua origem na sensação resultante da recepção de um estímulo sensorial. Quando se trata de pensar também o processo neurofisiológico que se interpõe entre o estímulo externo e a idéia ou representação que se forma na mente, fica clara a implicação que se estabelece entre o atomismo psicológico e o paralelismo, como ocorre, por exemplo, em David Hartley, considerado o fundador oficial do associacionismo como doutrina unificada e consolidada (Boring 5, pp 195-7). Como se verifica essa implicação? De modo geral, o fato psicológico fundamental é a percepção consciente de uma sensação pro-

duzida por um estímulo externo. O ponto de partida do psíquico está, portanto, localizado no mundo exterior, concebido em termos de processos físicos e materiais. Os estímulos físicos que atingem a superfície sensorial do organismo dão origem aí a processos de excitação e de condução nervosa. A condução central desses processos nervosos tem como destino último o córtex cerebral – o córtex occipital para o estímulo visual, por exemplo. A excitação nervosa conduzida ao córtex produz aí as inervações que constituem o correlato imediato do processo psicológico consciente – a percepção –, ao mesmo tempo em que causam modificações morfológicas mais ou menos permanentes na substância cerebral (às vezes, designadas como *engramas*), que formarão a base hipotética da memória. Numa formulação particularmente ilustrativa dessa concepção, Henschen afirma que o estímulo deixa sua impressão no córtex “como a forma do selo é impressa sobre a cera” (*apud* Head 22, p. 84)³.

Até este ponto, como se vê, não é ainda necessário lançar mão de nenhum fator explicativo que não seja de natureza estritamente material. A teoria da projeção de Meynert, um dos principais alvos da crítica de Freud em *Sobre a concepção das afasias* e em resposta à qual sua teoria da representação começará a tomar forma, mostra bem como todo esse processo, que vai da recepção periférica do estímulo às modificações corticais que são a base do mental é atomisticamente concebido: a cada ponto estimulado na periferia sensorial corresponderia um processo contínuo e independente de condução central e, afinal, uma modificação cortical específica, após a qual apenas os processos associativos teriam início⁴. Teríamos, assim, um processo inteiramente físico ao longo de todas as etapas de seu percurso, que,

³ Este símile, como se sabe, remonta em última instância a Aristóteles 3 (*De memoria*, I, 450a, 30).

⁴ A comparação do córtex com a retina do olho, onde a imagem se formaria pela estimulação composta de células isoladas, é freqüente em Meynert e ilustra bem sua concepção, como o próprio Freud não deixa de apontar em *Sobre a concepção das afasias* (Freud 8, p. 89).

ao fim e ao cabo, deve dar origem a um fato psíquico. É claro que isso não pode ocorrer sem a intervenção de um fator novo, de natureza totalmente distinta dos processos materiais até agora em questão. Esse fator é, justamente, a *consciência*, concebida ao modo de um órgão de percepção interna, um olhar interior capaz de ler e decodificar as modificações corticais que se originam dos processos excitatórios acima descritos, dando origem às representações perceptivas e, a partir dos traços que estes deixam atrás de si, àquelas que se tornam conscientes nos fenômenos de rememoração. A consciência aparece, assim, como um *a priori* absoluto de toda psicologia que parta dessas concepções, como condição de possibilidade da existência do psíquico como um domínio correlato, mas não derivado dos processos neurais a ele subjacentes. O elementarismo implícito ou explícito na definição desses processos neurais se transmite, assim, de um lado a outro do paralelo psicofisiológico: a cada modificação particular da substância nervosa corresponde uma representação elementar, um átomo de percepção ou de memória. Ora, o que define o atomismo não é tanto a idéia de que um fenômeno complexo possa ser decomposto em partes elementares constituintes: a noção de que “o todo não é mais do que a soma das partes” significa, acima de tudo, que *não se produzem alterações qualitativas, nem se engendram diferenças efetivas na passagem do simples para o complexo*, ou vice-versa. Todas as propriedades do todo devem, em princípio, encontrar-se já de alguma forma presentes em suas partes constituintes, e a passagem do simples ao complexo se dá tão somente por uma soma das partes, por um processo de justaposição mecânica que, no limite, exclui qualquer idéia de organização propriamente dita, ou seja, do surgimento de uma forma ou sistema que se caracterize, frente a seus elementos de composição, por um conjunto de propriedades distintivas.

Sob essa perspectiva, a cada impressão elementar deve corresponder uma representação simples, engendrada pela intervenção soberana e incondicionada da consciência; a um processo que é material em toda a sua extensão justapõe-se outro, que nasce já contendo em si

todas as propriedades fundamentais do mental, ao que se acrescenta uma lacuna intransponível entre os dois, cuja hipótese é justamente o que caracteriza o paralelismo. Se, como requer a posição elementarista, não há alterações qualitativas na passagem do simples ao complexo – ou seja, não produzem-se aí qualidades novas, não previstas já nas propriedades dos elementos –, cada representação, mesmo na sua forma mínima, deve conter em si todas as propriedades do mental; em outras palavras, o elemento da representação deve ser inteiramente uma representação, em todos os sentidos essenciais do termo. De um lado, processos homoganeamente materiais, mesmo no seu nível mais complexo; de outro, processos homoganeamente psíquicos, mesmo no seu nível mais elementar: é nesse sentido que se pode dizer que o paralelismo psicofisiológico é a teoria sobre a relação entre mente e cérebro implicada pelo atomismo psicológico. Do compartilhamento dessas concepções associacionistas pelo localizacionismo resulta a conclusão, da qual este último não parece poder escapar, de que os elementos das representações devem estar contidos, de alguma maneira misteriosa, nas unidades anatômicas do sistema nervoso, nas células do córtex cerebral em particular.

O que a *doutrina da concomitância* de Hughlings Jackson – à qual Freud adere em *Sobre a concepção das afasias* (Jackson 23, p156; *ibidem*, p. 160; Freud 8, p. 98) – propõe é uma versão depurada do paralelismo que escape a essas confusões conceituais ocasionadas pela absorção acrítica do elementarismo associacionista na psicologia implícita na teoria das localizações cerebrais. O que se obtém dessa confusão é uma espécie de versão pulverizada do que Ryle chamou de “dogma do Fantasma na Máquina” – expressão utilizada para caracterizar e criticar o renitente cartesianismo da psicologia (Ryle 36, pp 15-6) –, na qual uma infinidade de elementos psíquicos habitaria, sem que se saiba muito bem como, essas pequenas máquinas orgânicas em que consistem as células nervosas. Evidencia-se com isso, também, como o paralelismo se compromete, assumidamente ou não, com alguma forma de substancialização do mental, característica das

soluções dualistas para o problema mente-cérebro das quais ele constitui uma das versões possíveis – talvez mesmo uma versão extrema, na medida em que abandona o interacionismo de Descartes, com todos os impasses metafísicos que este acarreta. Não se trata aqui, é claro, de retomar, mais uma vez, a crítica dessa psicologia, mas apenas de expô-la em seus traços mais característicos, de modo a tornar possível circunscrever a revisão que Freud propõe desses pontos de vista e acompanhar suas conseqüências para a formulação das teses metapsicológicas iniciais.

A crítica freudiana, em *Sobre a concepção das afasias*, endereça-se, mais precisamente, a três aspectos das concepções esboçadas acima: 1) a idéia de que a representação ou seus elementos podem estar contidos nas células nervosas; 2) a idéia, derivada da primeira, de que o processo neural culmina numa representação; 3) a idéia de que há uma espécie de espelhamento entre o nível neurológico e o nível psicológico, de modo que aquilo que aparece como simples no segundo corresponda a algo igualmente simples no primeiro. Examinemos em que termos essa crítica se exprime, antes de procurarmos mostrar de que modo as peças do argumento construído por Freud nesse texto permitem uma outra alternativa que não o paralelismo jacksoniano explicitamente adotado por ele naquele momento.

A recusa da idéia de que os elementos dos processos psíquicos – no caso em foco em *Sobre a concepção das afasias*, dos processos da linguagem – possam estar contidos nas células corticais é, de fato, o passo inicial da argumentação freudiana e permanece como eixo do movimento da crítica que aí se desenvolve. O primeiro alvo de Freud é a distinção proposta por Wernicke – e na qual se funda toda a sua teoria da afasia – entre os centros corticais da linguagem e os feixes associativos que os interligam. Essa distinção é em primeiro lugar anatômica: os centros sensorial e motor da fala situam-se na substância cinzenta do córtex, e os feixes associativos compõem-se de fibras de substância branca subcortical. Ela é também a chave para a distinção crucial de Wernicke, no conjunto das patologias da linguagem, entre as afasias

centrais (sensorial e motora), que resultam da lesão dos centros, e a afasia de condução, que resulta da lesão dos feixes associativos. No entanto, pelo menos para o que nos interessa aqui, ela é principalmente uma distinção *psicológica*, que separa nitidamente os elementos psíquicos, que podem ser localizados nos centros, e a associação que, a partir deles, leva à constituição de processos mais complexos. Assim, a associação só pode ser um fenômeno secundário com relação à constituição dos elementos psíquicos que, segundo os princípios associacionistas revisados acima, dá-se passivamente pela via da percepção, mediante a intervenção da consciência. Freud, ao expor as concepções de Wernicke, deliberadamente enfatiza como, desde esse ponto de vista, localizar uma função psíquica implica em supor elementos psíquicos contidos ou armazenados em células nervosas:

Sobre o modo como os sons verbais estão contidos no centro [sensorial da linguagem], Wernicke fazia uma idéia bem precisa, que é de importância capital para toda a teoria das localizações.

Quanto à questão de até que ponto se poderia localizar as funções psíquicas, ele responde que apenas para as funções mais elementares isto é permitido. Uma percepção visual pode ser remetida, no córtex, à terminação central do nervo ótico, uma percepção auditiva à região de extensão do nervo acústico. Tudo que vai além disso, a combinação de diversas representações em um conceito, e assim por diante, é uma operação dos sistemas de associação, que conectam diferentes áreas corticais umas com as outras, e não pode portanto ser mais localizada em uma área única. Porém, as excitações sensoriais que alcançam o córtex deixam nele impressões duráveis que são, segundo Wernicke, armazenadas separadamente em células isoladas. (Freud 8, p. 41)

Em diversas passagens do texto, essa concepção torna a ser mencionada, não deixando dúvidas de que, aos olhos de Freud, essa é uma implicação importante da psicologia das teses localizacionistas. Por exemplo:

Segundo Wernicke, nós devemos nos representar que há áreas determinadas no córtex, sem dúvida imprecisamente delimitadas (por exemplo, a área de Broca, a área de Wernicke), em cujas células nervosas estão contidas, de um modo ou de outro, as representações com as quais opera a função da linguagem. Essas representações são restos de impressões, que foram levadas pela via dos nervos visuais e auditivos, ou que se formaram, no curso dos movimentos da linguagem, como sensações de inervação ou como percepção do movimento efetuado. (Freud 8, p. 86)

Fica claro, nesse trecho, que, à insuficiência do conhecimento sobre a delimitação das áreas envolvidas, acrescenta-se outra, talvez mais grave, sobre o *modo* pelo qual as representações podem estar aí contidas (“de um modo ou de outro”). Freud não deixa de reconhecer a Wernicke o mérito de ter limitado a localização das funções psíquicas às suas formas mais elementares, deixando para trás os excessos dos frenologistas, que propunham a localização precisa de faculdades mentais complexas. Essa limitação e esse mérito provêm, em grande parte, da filiação de Wernicke às doutrinas mais gerais de Meynert sobre a natureza e a significação psicológica dos processos nervosos e cerebrais, onde, como vimos, o atomismo psicológico importado, direta ou indiretamente, do associacionismo de James Mill era uma peça importante. Mas era justamente esse atomismo que, ao exigir que as propriedades do todo se reencontrassem tais quais nas propriedades do elemento, reproduzia, mesmo no nível mais básico, a lacuna admitida pelo paralelismo e conduzia ao enorme erro conceitual de abrigar um fato psíquico, por elementar que fosse, no interior das unidades anatômicas e materiais do sistema nervoso. É, assim, após passar pela crítica da doutrina de Meynert subentendida em Wernicke, que Freud se encontrará em condições de recusar cabalmente essa concepção, com plena consciência do tipo de equívoco que ela contém:

Retornemos, após essa digressão, à concepção da afasia e recordemo-nos que, com base na doutrina de Meynert, resultou a hipótese de

que o aparelho de linguagem consistia em centros corticais distintos, em cujas células estão contidas as representações de palavra, centros que estão separados por regiões corticais desprovidas de função e ligados entre si por fibras brancas (feixes de associação). Pode-se perguntar, antes de tudo, se tal hipótese, que relega as representações às células, é de todo correta e admissível. Eu creio que não. (Freud 8, pp 96-7)

E, a seguir, no momento mesmo em que reconhece o mérito de Wernicke em restringir a localização às funções elementares, Freud aponta como é justamente no elementarismo implicado nessa concepção que reside a razão do “erro de princípio” cometido por toda tentativa de fazer de um substrato anatômico a sede de um processo mental, por mínimo que seja:

(...) pareceu um grande progresso quando Wernicke declarou que apenas era possível localizar os elementos psíquicos mais simples, as representações sensoriais singulares, e isso, com efeito, na terminação central do nervo periférico que tinha recebido a impressão. Mas, no fundo, não se comete o mesmo erro de princípio, quer se tente localizar um conceito complicado, toda uma atividade mental, ou tão somente um elemento psíquico? Justifica-se imergir no psíquico a terminação de uma fibra nervosa, que, ao longo de todo o seu percurso, esteve submetida apenas a uma configuração fisiológica e a modificações fisiológicas, e dotar essa terminação com uma representação ou uma imagem mnêmica? (Freud 8, p. 97)

O ponto que Freud quer enfatizar aqui é que, se o localizacionismo reconheceu, por um lado, que as grandes faculdades mentais outrora desdobradas sobre a superfície cortical eram apenas “termos técnicos da psicologia” que não correspondiam a unidades reais quando consideradas desde o ponto de vista neurofisiológico, ele falhou em constatar que a “representação sensorial simples” tampouco passa de um termo técnico como aqueles, e que corresponde, neurologica-

mente falando, a “relações muito complicadas” (Freud 8, p. 97). Portanto, a crítica ao associacionismo elementarista embutido na teoria das localizações cerebrais e ao erro conceitual por ele implicado de fazer residir átomos psíquicos em células nervosas conduz naturalmente ao questionamento da premissa segundo a qual aquilo que é simples do ponto de vista mental deva remeter-se a algo igualmente simples do ponto de vista neural:

Eles [os autores criticados] consideravam apenas que a modificação da fibra nervosa pela excitação sensorial – que pertence à fisiologia – provoca na célula nervosa central uma outra modificação, que se torna então o correlato fisiológico da “representação”. Como sobre a representação eles sabem dizer muito mais do que sobre as modificações fisiológicas, desconhecidas e ainda não caracterizadas, servem-se da expressão elíptica: na célula nervosa estaria localizada uma representação. Só que essa substituição leva também a uma confusão entre duas coisas que não precisam ter nenhuma semelhança uma com a outra. Em psicologia, a representação simples é, para nós, alguma coisa de elementar, que podemos distinguir nitidamente de suas conexões com outras representações. Chegamos assim à suposição de que também seu correlato fisiológico – a modificação proveniente da excitação da fibra nervosa que termina no centro – é algo simples, que pode ser localizado em um ponto. Naturalmente, tal transposição é totalmente injustificada. (Freud 8, p. 99)

Já vimos que essa correspondência elemento a elemento decorre diretamente de uma concepção paralela da relação entre o neurológico e o psíquico, na qual os dois domínios espelham-se mutuamente, sem que, no entanto, haja alguma possibilidade de articulá-los. A solução de Freud, nesse momento, é recorrer à *doutrina da concomitância* de Hughlings Jackson, a qual, no entanto, silencia sobre esse ponto, na medida em que o objetivo de Jackson é, justamente, depurar a neurologia de suas impregnações psicológicas,

deixando de fora o que se passa do outro lado do paralelo psicofisiológico. Assim, se Jackson serve a Freud em seu esforço crítico, que tem a neurologia por alvo, ele pouco pode auxiliá-lo na elaboração de suas hipóteses psicológicas. Contudo, é também de uma psicologia que Freud está em busca em *Sobre a concepção das afasias*⁵ e, dessa perspectiva, as insuficiências do paralelismo começam a se fazer notar, embora Freud o subscreva nesse momento, remetendo-o explicitamente a Jackson quando se refere à doutrina da concomitância:

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não se encontra, provavelmente, em uma relação de causalidade para com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam tão logo tenham tido início os processos psíquicos; ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, de um certo momento em diante, a cada elo da mesma (ou a alguns elos) passa a corresponder um fenômeno psíquico. O psíquico é, com isso, um processo paralelo ao fisiológico (um “*dependent concomitant*”). (Freud 8, p. 98)

A “relação de causalidade” que Freud espera suprimir com essa concepção é justamente aquele reducionismo grosseiro que requer que se suponham os elementos psíquicos como alojados nas células cerebrais e, portanto, os processos em que se incluem como determinados de antemão pela estrutura anatômica. No entanto, a solução adotada não deixa margem para a formulação de nenhuma teoria mais sofisticada sobre a determinação do mental que possa satisfazer os rígidos critérios naturalistas de que Freud nunca abriu mão. Sabe-

⁵ Esse trabalho já foi considerado mais “psicológico” que outros que o sucederam, principalmente o *Projeto de uma psicologia*, que representaria um recuo de Freud a uma perspectiva neurológica, antes de encaminhar-se definitivamente para a psicologia (Monzani 30, p. 138; Garcia-Roza 18, p. 71). A leitura aqui proposta parece-nos permitir considerar o *Projeto* como o prolongamento natural e necessário do ensaio sobre a afasia, vindo a precisar algumas de suas teses e responder a alguns de seus impasses (ver Simanke 37).

mos que a hipótese de um inconsciente psíquico ativo e causalmente eficaz é que veio suprir essa necessidade, tendo sido reiteradamente apontada pelo próprio Freud como a condição sob a qual a psicologia pode tornar-se uma ciência natural em pé de igualdade com as demais (Freud 9, pp 400-1; Freud 14, p. 156). Como foi assinalado acima, o atomismo psicológico traz consigo o paralelismo e este, por sua vez, conduz à identidade entre o mental e o consciente. A superação do atomismo pela adoção desse paralelismo depurado, representado pela doutrina da concomitância de Jackson, não permite, portanto, a superação daquela identidade, o que Freud não deixa de, muito consistentemente, reconhecer:

Uma vez ocorrido esse processo, ele deixa atrás de si, no córtex por ele afetado, uma modificação, a possibilidade da recordação. É de todo duvidoso que a essa modificação corresponda igualmente algo de psíquico. Nossa consciência não apresenta nada desse tipo que, do lado psíquico, justificasse o nome de “imagem mnêmica latente”. Contudo, sempre que o mesmo estado do córtex é outra vez estimulado, produz-se de novo o psíquico como imagem mnêmica. (Freud 8, pp 99-100)

Dessa maneira, a formulação do conceito freudiano de inconsciente – reconhecidamente sua realização maior e traço distintivo da psicanálise como teoria psicológica – passa pela superação do paralelismo e é incompatível com ele. Essa implicação entre o paralelismo e a identidade entre mente e consciência, que a psicanálise trata de deixar para trás, é plenamente reconhecida por Freud naqueles textos posteriores em que essa recusa se explicita – por exemplo, em *O inconsciente*:

Pode-se responder que a equiparação convencional do psíquico com o consciente é inteiramente inadequada. Dilacera as continuidades psíquicas, precipita-nos nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, está sujeita à recriminação de que superestima, sem fun-

damentação visível, o papel da consciência, e nos obriga a abandonar prematuramente o campo da investigação psicológica, sem poder trazer-nos compensação a partir de outros campos. (Freud 12, pp 126-7, grifos nossos)

Antes disso, em outros contextos, Freud já se pronunciara contra a autonomia causal do psíquico com relação a sua base corporal – isso que define o paralelismo –, deixando claro, por outro lado, que a existência de uma mente inconsciente e de um determinismo psíquico não se constrói sobre esse tipo de suposição, como sustentam alguns (Solms 38, por exemplo). Assim, em *A interpretação dos sonhos*, ele afirma:

A desconfiança do psiquiatra pôs a psique, por assim dizer, sob tutela, e exige que nenhuma de suas moções revele uma capacidade própria. Mas esse comportamento só atesta pouca confiança na validade da cadeia causal que se estende entre o corporal e o mental. Mesmo onde a investigação permite reconhecer no psíquico a ocasião primária de um fenômeno, uma penetração maior saberá descobrir, mais uma vez, a continuação do caminho até a fundamentação orgânica do psíquico. (Freud 10, pp 66-7).

As superações do paralelismo e da identidade entre o psíquico e a consciência parecem consistir, portanto, em dois aspectos de uma mesma operação. Ela, por sua vez, requer a formulação de uma concepção sobre as relações entre o neurológico e o psíquico que satisfaça as novas exigências. O que se procurará mostrar, na continuidade, é que os elementos para essa nova concepção já estão presentes no trabalho sobre a afasia, tendo sido conscientemente aproveitados por Freud em textos posteriores, com destaque para o *Projeto*. Em outras palavras, encontram-se já formuladas, nesse texto, as bases teóricas para uma ultrapassagem muito mais completa das premissas associacionistas do que a efetivamente realizada ou

assumida. Tais bases teóricas constituem os fundamentos de uma nova teoria da representação que pode ser considerada o embrião da metapsicologia freudiana.

III. Organização, hierarquia e complexidade: o ponto de vista funcional

O ponto central da crítica de Freud ao localizacionismo, assim como da alternativa que ele busca articular, consiste na introdução de uma *concepção funcional* dos distúrbios da linguagem e, por extensão, da natureza dos processos psicológicos em sua relação a sua base neural. Esse ponto de vista funcional, proposto como estratégia para abordar eficientemente os problemas em foco, está na origem de uma nova concepção sobre a natureza do fato mental – e da representação, em particular –, que será aquela com que a metapsicologia freudiana passará a operar. Ele surge nitidamente como uma alternativa para a tese, tão enfaticamente recusada por Freud em *Sobre a concepção das afasias*, que afirma a localização dos elementos das funções psíquicas nas células cerebrais. Se, desde o início do texto, Freud revisa cuidadosamente as idéias de Wernicke sobre a “localização das funções psíquicas” (Freud 8, p. 49), é, no limite, para concluir que as funções psíquicas em si não podem ser localizadas, pelo menos não pontualmente, já que dependem de processos complexos que envolvem diversas regiões do córtex, dinamicamente integradas pelo fluxo da excitação nervosa ao longo das vias que aí se constituem. Em primeiro lugar, Freud demonstra a falácia do principal argumento localizacionista para justificar a atribuição da sede de uma função psíquica a uma área cortical particular. Esse argumento infere a localização a partir da perda de função ocasionada por uma lesão material da substância cortical, o que, para Freud, resulta de uma confusão entre as significações patológica e fisiológica de um processo. Ele procura demonstrar como, do fato de que uma certa função psíquica perde-

se ou tem sua eficácia diminuída pela ocorrência de uma lesão num determinado ponto do córtex, não se segue que esse local seja a sede e o responsável exclusivo pela execução dessa função (a capacidade de falar ou de compreender a linguagem ouvida, por exemplo). Freud argumenta, por exemplo, que a interrupção de todas as vias associativas que conduzem a um determinado centro equivale funcionalmente a uma lesão destrutiva total desse centro, o que invalidaria a principal inferência na qual se apóiam as localizações de função. Por trás desse argumento, encontra-se, evidentemente, o princípio defendido por Jackson de que o fato negativo da lesão não pode explicar as características positivas dos fenômenos afásicos e neuropatológicos em geral; em outras palavras, uma lesão pode explicar que um sujeito não fale corretamente, mas não explica a forma específica como ele efetivamente fala após a lesão.

Jackson propõe uma hierarquia de níveis de funcionamento evolutivamente constituídos, na qual a constituição de cada novo nível resulta na inibição dos processos característicos dos níveis mais primitivos, como se dá na relação entre movimento voluntário e ação reflexa automática ou entre a linguagem proposicional espontânea e a simples repetição de palavras ouvidas, por exemplo. Nessa concepção, a lesão material só responde diretamente pelos aspectos deficitários do distúrbio e apenas indiretamente pela forma positiva como se configura o sintoma. A lesão provoca um distúrbio dinâmico – concebido ao modo das perturbações epiléticas pelas quais Jackson começou suas investigações – que rompe a organização dos níveis mais evoluídos de funcionamento, levando a uma dissolução dos processos que os caracterizam e diminuindo ou eliminando a inibição que estes exercem sobre os níveis mais primitivos, conduzindo a uma regressão funcional, caracterizada pelo ressurgimento de modos já ultrapassados de operação do sistema nervoso. Dessas concepções Freud irá reter não apenas a noção do fenômeno patológico como regressão funcional, mas também a de uma caracterização, tanto do distúrbio como do fenômeno normal, como processos dinâmicos

que envolvem uma certa distribuição organizada da excitação nervosa, assim como a idéia de uma estrutura de níveis de funcionamento progressivamente mais evoluídos, que dão ensejo ao surgimento de propriedades qualitativamente distinguíveis na passagem de um a outro. Para fazer ressaltar a dimensão da influência de Jackson sobre Freud, cabe observar que a primeira dessas noções dará origem, mais tarde, ao conceito psicanalítico de regressão; a segunda, aos pontos de vista econômico e dinâmico da explicação metapsicológica; e a terceira, finalmente, a uma parte significativa do que Freud depois desenvolverá como sua teoria do aparelho psíquico (Jackson 24; Grossman 20; Fullinwider 15). Para que isso possa ocorrer, no entanto, é necessário que essas concepções neurológicas de Hughlings Jackson sejam transpostas para o terreno da psicologia. É isso que, pelo menos em germe, começa a ocorrer em *Sobre a concepção das afasias*.

Freud, inicialmente, lança mão desse ponto de vista funcional para propor uma concepção sobre a determinação dos distúrbios da linguagem que se apresenta como uma alternativa às hipóteses estritamente localizacionistas: as lesões não causam os sintomas observáveis fazendo desaparecer os elementos com que opera a linguagem (Freud 8, p. 71), mas levando a uma diminuição geral da eficiência da área cerebral em questão⁶ ou, melhor dizendo, daquilo que Freud aí denomina *aparelho de linguagem* ou *de fala* (*Sprachapparat*), noção que, ela mesma, se reveste de uma significação funcional e designa o conjunto de processos necessários para a execução das funções da linguagem, assim como o modo como eles devem estruturar-se para tanto. Com isso, a perspectiva funcional ultrapassa o campo das patologias da linguagem e da neuropatologia em geral para converter-se em uma estratégia de abordagem para o problema da natureza do psíquico e de suas relações com o sistema nervoso. É claro que tudo isso se refere, em primeira instância,

⁶ Essa concepção funcional dos distúrbios da linguagem é reafirmada em numerosas passagens do texto. Ver Freud 8, pp 52, 68, 69, 70, 84-5, por exemplo.

apenas a esta função psíquica particular que é a linguagem, isto é, àquilo que Freud denomina representação de palavra (*Wortvorstellung*), embora suas conclusões sejam generalizáveis para o conjunto das atividades psíquicas – ou seja, nos termos de *Sobre a concepção das afasias*, são aplicáveis também àqueles processos que envolvem as representações de objeto (*Objektvorstellungen*). Em suma, Freud propõe a substituição da noção estática de *localização* pela noção dinâmica de *processo*, mesmo – e, talvez, principalmente – para a caracterização da função normal. O aparelho da linguagem é, fundamentalmente, um sistema de processos associativos, que transcorrem numa região cortical hipoteticamente homogênea – ou seja, desprovida de restrições anatômicas –, de modo que a circulação da excitação nervosa que põe em relação e integra os diversos elementos sensoriais aferentes (acústicos, visuais, cinestésicos etc.) é o único fundamento para as operações aí realizadas.

É na revisão das concepções de Meynert que essa ampliação do ponto de vista funcional da consideração dos distúrbios para caracterizar da função normal aparece mais claramente. Em primeiro lugar, pelo fato de que são estas as concepções que subjazem às idéias de Wernicke e de outros sobre a afasia, às quais Freud se contrapõe:

Na medida em que esta última [concepção dos distúrbios da linguagem] não é independente de uma concepção mais geral da atividade cerebral, eu me sinto entretanto obrigado a tocar minimamente na questão da significação do cérebro em geral. (Freud 8, p. 87)

O essencial da posição de Meynert a esse respeito define-se, aos olhos de Freud, pelo seu conceito de *projeção*: segundo este, se o córtex cerebral é um órgão de associação, aquilo que ali se associa são os elementos autônomos que ocupam⁷ as células corticais, nelas instalados por pro-

⁷ O conceito meynertiano de ocupação (*Occupation*, para o córtex como um todo, e *Besetzung*, para as células individuais) das áreas corticais previamente sem função (as “lacunas funcionais” de sua doutrina) ao longo do desenvolvimento e da aprendizagem expressa, no nível mais elementar, o impasse conceitual do localizacionismo discutido acima: se

cessos de condução central igualmente independentes, de modo que aquilo que parte da periferia sensorial do organismo e do sistema nervoso projeta-se tal qual no córtex, preservando a sua identidade ao longo de todo o percurso. Daí que essa concepção se expresse na tese de “uma reprodução ponto por ponto do corpo no córtex” (Freud 8, p. 89), de “uma reprodução completa e topograficamente semelhante do corpo no córtex” (*ibidem*, p. 90). Já vimos que a manutenção da identidade do elemento ao longo de todo o processo de formação de compostos e a ausência de alterações qualitativas na passagem do simples para o complexo era uma característica definidora do atomismo manifesto das teorias localizacionistas e associacionistas. A crítica freudiana não deixa de identificar esse ponto preciso das concepções de Meynert e a ele se opor. Após observar que a própria anatomia do sistema nervoso aponta para uma reorganização constante dos processos no percurso da periferia ao córtex, na medida em que as fibras nervosas inserem-se em sucessivos núcleos de substância cinzenta onde estabelecem novas conexões, ele comenta que, no entanto,

Para Meynert, que, no percurso das fibras, salienta sobretudo o fato das ligações corticais, *uma fibra ou massa de fibras é sempre ainda a mesma*, mesmo quando atravessou um número tão grande de substâncias cinzentas. Seu modo de expressão para isto o revela: “A fibra passa por uma substância cinzenta”. (Freud 8, p. 94)

novas aquisições psíquicas ocupam áreas corticais até então inativas, os elementos dessas funções devem ocupar as unidades anatômicas que compõem essas áreas. Teríamos, assim, uma imagem mnêmica ou uma representação elementar ocupando uma célula cortical. O modo como Freud incorpora o conceito de *Besetzung* à sua teoria revela o esforço para ultrapassar esse impasse: a partir do *Projeto*, a única coisa que, do ponto de vista freudiano, pode, inteligivelmente, ocupar um neurônio é uma certa quantidade de excitação nervosa (Q'η), e com esse ponto de partida é necessário reconstruir toda a psicologia. O conceito, portanto, adquire aí a significação econômica – no sentido do “ponto de vista econômico” da metapsicologia freudiana – com que aparecerá em todas as elaborações posteriores.

Inicialmente Freud opõe-se a essa concepção demonstrando sua impossibilidade anatômica: estudos como o de Henle teriam revelado que o número de fibras que atingem o córtex é muito menor do que o número das que partiram da periferia sensorial. Esse é o primeiro sentido que assume a proposta de substituição do conceito de projeção pelo de representação (*Repräsentation*), claramente tomado de Jackson:

Apenas na medula (assim como nas substâncias cinzentas e ela análogas) estão disponíveis as condições para uma projeção sem lacunas da periferia do corpo. A cada unidade de inervação periférica pode corresponder na medula um fragmento de substância cinzenta – em casos extremos, um único elemento central. Em consequência da redução das fibras de projeção através da substância cinzenta da medula, um elemento de substância cinzenta pertencente a um nível mais elevado não pode mais corresponder a uma unidade periférica, mas deve corresponder a muitas dessas unidades. Isso vale também para o córtex cerebral, e é portanto recomendável distinguir entre esses dois modos de reprodução central também mediante nomes diferentes. Se a reprodução na medula espinhal se denomina uma *projeção*, talvez seja apropriado chamar a reprodução no córtex de uma *representação* (*Repräsentation*), e dizer que *a periferia do corpo não está contida no córtex ponto por ponto, mas que ela está aí representada de modo menos detalhado, por fibras selecionadas*. (Freud 8, pp 92-3).

Mas não pode ser apenas isso. O conceito de representação⁸, em Jackson, designa justamente o modo como os processos nervosos reorganizam-se na passagem dos centros menos evoluídos (e mais

⁸ No sentido do que Freud designa como *Repräsentation*, e não no da *Vorstellung*, embora talvez se possa afirmar que a ultrapassagem do paralelismo se dá justamente quando Freud passa a considerar a *Vorstellung* como o nível mais elevado das sucessivas “representações”, no sentido jacksoniano, abrindo, com isso, a via para a transposição de suas concepções para o campo psicológico.

periféricos) para os mais evoluídos (e mais centrais), reorganização ao longo da qual estes revestem-se de características funcionais qualitativamente distintas. Essas alterações remetem a um ganho de complexidade e de flexibilidade obtido em cada mudança de nível. Por isso, Freud não pode se contentar com esse argumento negativo que expõe a impossibilidade anatômica da tese de Meynert, mas o complementa com a defesa da alteração da significação funcional das fibras, devida às alterações impostas aos processos que elas veiculam pelas sucessivas articulações e integrações a que são submetidos em seu percurso. Em primeiro lugar, trata-se de afastar a idéia, que poderia ser sugerida pelo primeiro argumento, de que a relação entre o córtex e a periferia possa ser da ordem de uma *simplificação*, mostrando que há condições, mesmo do ponto de vista anatômico, para um ganho em complexidade nesses processos:

Por outro lado, no entanto, a redução das fibras de projeção não é tão grande quanto o que poderia fazer crer esta última consideração. Há, assim, por exemplo, as fibras dos cordões posteriores, que certamente não chegam como tais ao córtex, já que este recebe as fibras do menisco, as quais, após numerosas interrupções nos nódulos do cordão posterior, nos nódulos cinzentos do bulbo raquidiano e do tálamo, *representam* finalmente os cordões posteriores no cérebro. Não se sabe se as fibras do menisco são iguais em número às dos cordões posteriores. (...) Além disso, o cérebro recebe fibras do cerebelo, nas quais se poderia ver um equivalente das origens cerebelares da medula espinhal, e assim, apesar de tudo, permanece incerto se o córtex não recebe finalmente tantas ou mesmo mais fibras vindas da periferia, mesmo que após tantos desvios, do que o que é requerido para uma projeção na medula espinhal. (Freud 8, pp. 93-4)

Estabelecida a possibilidade anatômica desse ganho de complexidade, trata-se então de afirmar sua consequência funcional: o estabe-

lecimento de alterações qualitativas na significação dos processos, devidas às múltiplas conexões formadas ao longo do percurso aferente:

(...) as substâncias cinzentas, e não mais os feixes de fibras, aparecem-nos como as unidades orgânicas do córtex. Se seguimos uma via sensorial (centrípeta), até onde ela nos é conhecida, e se lhe reconhecemos como característica principal as mais freqüentes interrupções nas substâncias cinzentas e novas ramificações no interior destas últimas, devemos então aceitar a idéia de que uma fibra, em seu caminho para o córtex, alterou sua significação funcional a cada vez que emergiu de uma substância cinzenta. (Freud 8, pp 94-5)

A passagem reproduzida a seguir exprime ainda mais claramente a relação que está sendo estabelecida entre o ganho em complexidade e as alterações qualitativas supostas, ou seja, as novidades funcionais engendradas no decorrer dos processos:

Esta alteração na significação das fibras deve ser ainda *mais complicada* para os sistemas de condução da sensibilidade da pele e dos músculos; não temos ainda nenhuma idéia de quais elementos intervêm aqui para formar *o novo conteúdo da excitação retransmitida*. (Freud 8, p. 95, grifos nossos)

Todas essas idéias encontram-se sintetizadas na metáfora com que Freud expõe o essencial da diferença entre suas concepções e as de Meynert: ele compara os dados brutos da estimulação periférica ao alfabeto e os processos corticais dos quais dependem as funções psíquicas a um poema. A idéia central desse argumento é que os processos atômicos de recepção de estímulos e de projeção ponto por ponto, só pensáveis até o nível da medula espinhal, são, em si, desprovidos de significação psicológica, a qual só adquirem após experimentarem todos os tipos de integração e reordenação que ocorrem daí até o córtex e, acima de tudo, *no próprio córtex*. Essa concepção

traz consigo a ruptura da simetria assumida pelo localizacionismo entre o processo psíquico e sua base neurológica – pressuposta, por exemplo, na elaboração dos diagramas tão drasticamente criticados por Head (22, pp 54-66) –, ruptura em que Freud insistirá enfaticamente na elaboração de seu conceito de representação, como veremos abaixo. Vale a pena citar na íntegra essa passagem, devido ao modo como ela expõe a implicação recíproca que se estabelece entre o *ponto de vista funcional* adotado por Freud e a idéia de um *ganho de complexidade* como condição para o surgimento das diferenças funcionais qualitativas que afetam progressivamente a significação dos processos de condução central e dos processos corticais a que estes dão origem:

O que podemos perceber até aqui é que as fibras que chegam ao córtex, após terem passado pelas substâncias cinzentas, conservam ainda uma relação com a periferia do corpo, mas não mais podem dela fornecer uma imagem topograficamente semelhante. Elas contêm a periferia do corpo como um poema contém o alfabeto (...), em um rearranjo que serve a outros objetivos, numa múltipla conexão de elementos tópicos singulares, na qual um deles pode estar representado várias vezes, enquanto outro está totalmente ausente. Se se pudesse seguir em detalhe esse rearranjo que se efetua da projeção espinal até o córtex cerebral, descobrir-se-ia provavelmente que o princípio do mesmo é exclusivamente funcional e que os fatores tópicos só são conservados na medida em que convergem com as exigências da função. (...) nós podemos, assim, presumir que a periferia do corpo não está de forma alguma contida nas partes superiores do cérebro, assim como no córtex, *de modo típico, mas que ela o está unicamente de modo funcional.* (Freud 8, pp 95-6,)

A idéia de que o processo cortical resulta de sucessivas reordenações da informação sensorial periférica bruta e de todas as conexões que esta estabelece na passagem pelos núcleos de substância cinzenta em seu caminho para o córtex está intimamente conectada com a concepção di-

nâmica da atividade cortical que Freud propõe como alternativa para a noção estática de localização. A substituição desta pela noção de processo (*Vorgang*), igualmente emprestada a Jackson, resulta, mais ou menos naturalmente, numa revisão do que se entende por associação, onde novamente Freud se afasta do atomismo psicológico. Na concepção associacionista esquematizada acima, os elementos da representação constituem-se passivamente pela impressão cortical de um estímulo, transformada em um fato mental pela intervenção da consciência. Apenas secundariamente os elementos psicológicos se associam segundo certas regras para formar fenômenos mentais complexos. A associação não desempenha, assim, nenhum papel na *gênese da representação*: ela pressupõe representações já constituídas, pelo menos na sua forma elementar, que são então postas em relação pelos processos associativos. Ao recusar que o correlato neurológico da representação simples seja algo igualmente simples – e afirmar, ao contrário, que se trata de algo da ordem de um processo cortical complexo, englobando amplas áreas corticais e, no limite, a totalidade do córtex (Freud 8, p. 99) –, Freud abre caminho para apagar a distinção entre associação e representação e para atribuir à primeira um papel decisivo na gênese da segunda. Essa concepção, contudo, não chega a afirmar-se claramente, devido à manutenção do paralelismo e da conseqüente distinção entre o processo da representação e seu correlato cortical⁹, como foi assinalado acima.

Agora, é possível distinguir, no correlato fisiológico da sensação, a parte da “sensação” e a da “associação”? Claramente, não. “Sensação” e “associação” são dois nomes com os quais recobrimos aspectos diferentes de um mesmo processo. Sabemos, contudo, que ambos são abstra-

⁹ Apenas no *Projeto de uma psicologia* Freud identifica esses processos à representação inconsciente, quando então essas concepções propostas em *Sobre a concepção das afasias* passam a poder aplicar-se, sem mais restrições, ao conceito metapsicológico de representação (ver Freud 9, p. 400).

idos de um processo unitário e indivisível. Não podemos ter nenhuma sensação sem associá-la de imediato; embora possamos distingui-los conceitualmente com tanta nitidez, eles dependem na realidade de um processo único que, começando em um ponto do córtex, se difunde sobre a totalidade do mesmo. A localização do correlato fisiológico é, portanto, a mesma para a representação e para a associação e, como *a localização de uma representação não significa outra coisa que a localização de seu correlato*, devemos recusar-nos a situar a representação num ponto do córtex e a associação em outro. Ao contrário, ambas partem de um ponto e não encontram-se em repouso em ponto algum.

Com esta recusa de uma localização separada para a representação e para a associação das representações, cai para nós um motivo decisivo para distinguir entre centros e vias de condução da linguagem. (Freud 8, pp 100-1)

Se se mantém em perspectiva a concepção geral da representação que emerge dessas passagens, a linguagem – que, afinal, constitui o foco principal desse trabalho de Freud – aparece como ilustração privilegiada desses princípios. No momento em que se afirma mais explicitamente o modo como é o ganho em complexidade e organização que assinala a passagem da informação periférica em estado bruto para o processo cortical e representacional que dela deriva, as representações da linguagem podem ser vistas como argumentos decisivos para a sustentação dessa tese: ao reafirmar a recusa das posições localizacionistas sobre a função lingüística, com destaque para “as hipóteses segundo as quais as representações (imagens mnêmicas) que servem à linguagem encontram-se armazenadas em lugares determinados do córtex” (Freud 8, p. 106), o autor torna a insistir em sua suposição de uma área cortical da linguagem contínua e anatomicamente homogênea, o que, por um lado, eleva os processos associativos¹⁰ a determinantes

¹⁰ A natureza essencialmente associativa da área cortical da linguagem é afirmada reiteradamente: “A região associativa da linguagem, na qual penetram elementos óticos,

soberanos de todas essas funções e, por outro, implica o considerável incremento de complexidade que sua execução requer, em oposição ao esquema comparativamente simples do localizacionismo:

Resta-nos apenas, então, exprimir a tese de que *a região cortical da linguagem seja uma área contínua do córtex*, no interior da qual sucedem-se, com uma complexidade que desafia a compreensão, as associações e as transferências sobre as quais repousam as funções da linguagem. (Freud 8, p. 106)

A conclusão para onde converge o trabalho freudiano – suas passagens mais célebres, em que se formulam os conceitos de representação de palavra e representação de objeto, que tão larga e constante aplicação encontrarão nos desenvolvimentos posteriores da metapsicologia – reiteram essa concepção geral pela qual Freud mais decididamente se afasta do associacionismo: a recusa da relação simétrica e biunívoca estabelecida entre o simples neurológico e o simples psicológico, substituída pela suposição de uma série de níveis de processos neurais progressivamente mais complexos na passagem da periferia ao córtex, passagem onde se engendram diferenças funcionais que impedem que o mental continue a ser encarado apenas como o duplo psíquico e mais ou menos isomórfico de um processo cerebral. Quando se trata de introduzir o “esquema psicológico da representação de palavra”, Freud observa que, psicologicamente fa-

acústicos (ou cinestésicos), se estende precisamente, por isso, *entre as áreas corticais desses nervos sensoriais e as respectivas áreas corticais motoras*. Imaginemos, agora, nessa área associativa, uma lesão que pode ser deslocada: ela terá um efeito tanto maior (para uma extensão igual) quanto mais ela se aproximar de uma dessas áreas corticais, isto é, quanto mais próxima ela estiver da periferia da área da linguagem. Se ela toca diretamente uma dessas áreas corticais, ela cortará a área associativa da linguagem de uma de suas aferências, privará o mecanismo da linguagem do elemento ótico, acústico etc., já que cada impulso associativo dessa natureza provém da área cortical correspondente” (Freud 8, pp 107-8).

lando, “a palavra é a unidade da função da linguagem” (Freud 8, p. 117); em outras palavras, a palavra é o simples psicológico da linguagem. Porém, em vez de corresponder a um correlato neural igualmente simples – no limite, a mítica “localização” de um elemento de linguagem numa célula cortical –, essa unidade psicológica é “uma representação complexa, que se revela como composta a partir de elementos acústicos, visuais e cinestésicos” (*ibidem*, p. 117), a natureza dinâmica e associativa desse complexo já tendo sido estabelecida anteriormente. Assim, a palavra surge, do ponto de vista psicológico, como a unidade elementar da linguagem, mas corresponde, no nível neural, a um processo complexo, cujos elementos, no entanto, não são em si lingüísticos, mas apenas revestem-se dessa característica ao serem associados de uma alguma forma pelos processos excitatórios corticais que ocorrem na área da linguagem, processos em cuja complexidade Freud não deixa de insistir:

A palavra é, assim, uma representação complexa, constituída a partir das imagens mencionadas ou, dito de outra forma, à palavra corresponde um intrincado processo associativo, no qual os elementos citados, de origem visual, acústica e cinestésica, entram em ligação uns com os outros. (Freud 8, pp 121-2)¹¹

Se for legítimo estender essa concepção para a representação em geral, seria possível sustentar que o conceito de representação que Freud começa a elaborar nessas passagens rompe decididamente com aquela premissa do atomismo associacionista que supõe uma homogeneidade qualitativa entre o elemento e o complexo: a representação

¹¹ Diversas formulações reiteram essa posição. Por exemplo: “Contudo, essa composição aparece *mais complicada* quando se considera em detalhe os processos associativos prováveis que têm lugar no curso de cada uma das operações da linguagem” (Freud 8, p. 117, grifos nossos). Ou ainda (referindo-se aqui especificamente à leitura): “Desta apresentação da aprendizagem da leitura constata-se que esta consiste num processo *muito complicado*, ao qual deve corresponder um repetido vai-e-vem na direção das associações” (*ibidem*, p. 119, grifos nossos).

consistiria, para Freud, num complexo associativo cortical dinâmico, cujos elementos não seriam eles mesmos de natureza representacional, apenas adquirindo essa propriedade uma vez incluídos e organizados pelo referido processo. Dessa forma, seria possível ultrapassar o paralelismo psicofisiológico, e o ponto de vista funcional de Freud se converteria numa hipótese sobre a relação entre o somático e o psíquico: este último consistiria, assim, no conjunto de propriedades distintivas que os processos corticais adquirem quando organizados de uma determinada maneira, no nível mais evoluído e de maior complexidade e flexibilidade, segundo os princípios jacksonianos; haveria, então, uma *diferença funcional* entre o neurológico e o mental, mas não mais uma diferença essencial ou de natureza, abrindo caminho para a formulação de uma psicologia materialista, como a que Freud vai empreender no *Projeto* e que não deixa de ser a meta e o horizonte de toda a metapsicologia.

Há apenas indícios dessa extensão das concepções sobre a linguagem ao conjunto do campo da representação em *Sobre a concepção das afasias*. De qualquer forma, ao considerar o modo como a linguagem adquire significação, Freud introduz sua concepção da representação de objeto que, salvo uma diferença crucial – o caráter aberto do complexo associativo do objeto, em contraste com o fechamento da representação de palavra¹² –, é descrita igualmente como um complexo associativo que envolve elementos sensoriais os mais variados:

¹² Essa diferença significa que, uma vez formada, a representação de palavra não admite o acréscimo de novos elementos além dos quatro mencionados – acústico, visual, glossocinestésico e quirocinestésico –, enquanto a representação de objeto permanece indefinidamente aberta ao acréscimo de novos elementos; por exemplo, cada novo perfil do objeto associa mais um elemento visual ao complexo. Uma consequência disso, que Freud desenvolverá no *Projeto*, é que o reconhecimento de objetos – o juízo de identidade entre o objeto rememorado e o percebido – é sempre uma inferência feita a partir de uma inspeção necessariamente parcial de seus atributos, permanecendo sempre restos que escapam ao processo judicativo, o que Freud ali designará como “coisas” (*Dinge*) (Freud 9, p. 429).

A representação de palavra aparece como um complexo representacional fechado; a representação de objeto, ao contrário, como um complexo representacional aberto. (...) A palavra adquire, entretanto, sua significação pela ligação com a representação de objeto, ao menos se nos limitamos a considerar os substantivos. A própria representação de objeto é, pelo contrário, um complexo associativo de representações as mais heterogêneas, visuais, acústicas, táteis, cinestésicas, entre outras. (...) A representação de objeto não nos aparece, assim, como uma representação fechada e sequer passível de sê-lo, enquanto a representação de palavra nos aparece como algo fechado, ainda que capaz de ampliação. (Freud 8, pp 121-2)

Ao contrário da representação de palavra – que, afinal, constitui o foco das preocupações psicológicas de Freud nesse ensaio –, a representação de objeto não é alvo de considerações mais detalhadas. Ela vem a ocupar, mais ou menos, o lugar do “centro dos conceitos” que o esquema localizacionista de Lichtheim acrescentou ao de Wernicke (Freud 8, p. 44; Laubstein 27, pp 589-90), ou seja, o de um conjunto de processos cerebrais e psicológicos aos quais a linguagem se refere e por cuja referência ela adquire seu significado. De certa maneira, a representação de objeto compartilha com esse conceito localizacionista, que ela substitui, seu caráter difuso e inespecífico: pode-se dizer que Freud, pelo menos nesse texto, a define negativamente – ele designa o conjunto do campo da representação, com exceção do complexo fechado constituído pela representação de palavra. Contudo, a não ser por aquilo que faz a especificidade dessas duas grandes modalidades da representação com que a metapsicologia freudiana operará daí em diante, as características gerais atribuídas à representação de palavra podem ser estendidas à de objeto: trata-se de um complexo associativo, cujos elementos são processos corticais dinâmicos que envolvem os dados brutos da informação sensorial periférica; esses elementos de natureza neurofisiológica, mas dão ensejo ao surgimento da representação pela organização que lhes

é imposta nos sucessivos níveis de integração central dos processos excitatórios, que culmina em sua organização cortical. As propriedades da representação – tanto a de palavra quanto a de objeto – são assim inerentes ao complexo associativo dinâmico em que ambas consistem, não pertencendo aos elementos aí integrados, quando se os considera isoladamente. A diferença funcional que se institui, nesse nível, entre as propriedades do elemento e as propriedades do complexo é a base da distinção entre o psicológico e o neurológico ou, pelo menos, poderá passar a sê-lo a partir do momento em que Freud renunciar ao paralelismo e à identificação entre o mental e o consciente em que este implica. O conceito freudiano de inconsciente psíquico aparece, nessa perspectiva, como o resultado ou, melhor dizendo, como o instrumento para a superação de uma concepção dualista das relações mente-cérebro.

Conclusão

Tratamos de aproximar a teoria freudiana da representação, que se esboça em sua monografia sobre a afasia, das soluções emergentistas para o problema mente-cérebro. Procurou-se, no entanto, deixar que essa orientação se insinuasse a partir do comentário do texto, sem propô-la de antemão como uma hipótese de leitura. De resto, essa interpretação não é nova, tendo sido, por exemplo, dada por Pribram e Gill (32, p. 14), entre outros, embora apenas com relação ao *Projeto*. Uma primeira evidência a seu favor talvez possa ser encontrada na influência que a filosofia de Stuart Mill parece ter exercido sobre o pensamento inicial de Freud (Gabbi Jr. 17) e no fato de que certos autores localizam em algumas de suas fórmulas o nascimento da noção de *emergência* (Nagel 31, p. 341)¹³. É claro que apenas essa aproximação

¹³ Mais precisamente, no capítulo 6 do Livro III do *Sistema de lógica*, “Da composição das causas”, onde Mill considera duas maneiras da ação conjunta das causas na determinação

não tem nenhuma pretensão de resolver os numerosos impasses da metapsicologia, mas apenas apontar a inclinação, digamos, filosófica de Freud para o que contemporaneamente se designa como um *materialismo não-reducionista*, sugerir que suas dificuldades são, de modo geral, aquelas inerentes a essa posição (cf. Kim 25) e que é nesses termos que elas podem ser mais proveitosamente discutidas. Desde já, ela parece promissora no sentido de tornar compreensível o modo como Freud concilia seus modelos naturalistas com as exigências epistêmicas próprias de uma ciência da mente e nos dispensa de transformá-lo num cartesiano tardio e de considerar suas reivindicações materialistas como mera excentricidade. Entretanto, será uma tarefa para outros trabalhos acompanhar, no detalhe, essa idéia em suas conseqüências para compreender o sentido do empreendimento metapsicológico. Isso porque, como foi observado, Freud permanece, nesse momento, explicitamente comprometido com o paralelismo psicofisiológico, ainda que na sua versão não-atômica que ele extrai ou que elabora a partir das concepções de Hughlings Jackson. O que se procurou mostrar foi, por um lado, as implicações recíprocas entre o atomismo psicológico e o paralelismo, de modo que o abandono de um deve, compreensivelmente, fornecer já os elementos para o abandono do outro; por outro lado, tratou-se de evidenciar como o paralelismo implica também a identidade entre o psíquico e o consciente, que é ainda assumida por Freud em seu trabalho de 1891, mas cuja recusa, logo a seguir, praticamente coincidirá com a fundação da psicanálise.

O argumento desenvolvido neste trabalho pretendeu, assim, mostrar que os elementos para uma superação do paralelismo – para o

do fenômeno: sua composição mecânica e sua combinação química; na primeira, o efeito resultante é idêntico à soma dos efeitos produzidos pela ação das causas em separado; na segunda, ele não se deixa reduzir nem às propriedades individuais das causas, nem às da somatória das mesmas (Stuart Mill 39, pp 192-5). A famosa “química mental”, exposta no capítulo 4 do Livro VI da mesma obra, surge, então, como uma aplicação especial dessa concepção à causalidade psicológica.

qual esse emergentismo suposto ou incipiente insinua-se como uma alternativa – já estão presentes na reformulação do conceito de representação que Freud empreende em *Sobre a concepção das afasias* e que, na medida em que se impõe a necessidade de reconhecer e de sustentar teoricamente a existência e a eficácia de um inconsciente psíquico, são esses elementos que serão mobilizados, tornando compreensível a longevidade dessa teorização inicial sobre a representação ao longo de todo o percurso da reflexão metapsicológica freudiana, o que justifica que se a considere como o marco inaugural dessa reflexão.

Referências bibliográficas

1. AMACHER, Peter. *Freud's neurological education and its influence on psycho-analytic theory*. Psychological Issues, v IV, no. 4. Monograph 16. Nova York: International University Press, 1965.
2. ARAÚJO, Saulo F: “O conceito freudiano de representação no texto ‘Zur Auffassung der Aphasien’ (1891)”. In *Revista Olhar (CECH/UFSCar)*, n 8, 2003.
3. ARISTÓTELES: “On memory and reminiscence”. In: *The works of Aristotle (I)*. Londres: Britannica, 1978.
4. BIRMAN, Joel. *Ensaio de teoria psicanalítica (1): metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
5. BORING, Edwin G. *A History of Experimental Psychology 2. ed.* Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1950.
6. CAROPRESO, Fátima: “O conceito freudiano de representação em ‘Sobre a concepção das afasias’”. In *Paidéia: cadernos de psicologia e educação (FF-CLRP-USP)*, vol 13, n 25, 2003.
7. FORRESTER, John. *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago 1983.
8. FREUD, Sigmund. *Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie*. Frankfurt : Fischer, 1992.
9. ———. “Entwurf einer Psychologie”. In *Gesammelte Werke. Nachtragsband*. Frankfurt : Fischer, 1987.

10. ———. “Die Traumdeutung”. *Studienausgabe*. Band II. Frankfurt: Fischer, 1992.
11. ———. “El chiste y su relación con lo inconsciente”. In *Obras completas*. Vol. VIII. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997.
12. ———. “Das Unbewusste”. In *Studienausgabe*. Band III. Frankfurt: Fischer, 1982.
13. ———. “Metapsychogische Ergänzung zur Traumlehre”. In *Studienausgabe*. Band III. Frankfurt: Fischer.
14. ———. “Esquema del psicoanálisis”. In *Obras completas*. Vol. XXIII. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997.
15. FULLINWIDER, S. P. “Sigmund Freud, Hughlings Jackson, and speech”. In *Journal of the History of Ideas*, n 44 (1), 1983.
16. GABBI JR., Osmyr F. “Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da obra freudiana”. In Bento Prado Jr. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
17. ———. *Notas a “Projeto de uma psicologia”*: as origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
18. GARCIA-ROZA, Luiz A. *Introdução à metapsicologia freudiana (1)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
19. GREENBERG, Valerie D. *Freud and his Aphasia Book: language and the sources of psychoanalysis*. Ithaca (NY)/Londres: Cornell University Press, 1997.
20. GROSSMAN, William I. “Hierarquies, boundaries, and representation in a Freudian model of mental organization”. In *Journal of the American Psychoanalytical Association*, n. 40 (1), 1992.
21. HENDERSON, Victor W. “Sigmund Freud and the diagram-maker school of aphasiology”. In *Brain and language*, n. 43, 1992.
22. HEAD, Henry. *Aphasia and kindred disorders of speech*. Londres: Cambridge University Press. 1926.
23. JACKSON, John H. “On affections of speech from disease of the brain”. In James Taylor (org.). *Selected writings of John Hughlings Jackson*. Vol.2. Londres: Staple Press, 1958. vol. 2.
24. JACKSON, Stanley. “The history of Freud’s concepts of regression”. In *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 17 (3), 1969.
25. KIM, Jaegwon. “The myth of non-reductive materialism”. In Jaegwon Kim. *Supervenience and Mind: selected philosophical essays*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

26. KÖHLER, Wolfgang. *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.
27. LAUBSTEIN, Ann S. “Inconsistency and ambiguity in Lichtheim’s model”. In *Brain and Language*, n. 45, 1993.
28. MARX, Otto M. “Freud and aphasia: an historical analysis”. In *American Journal of Psychiatry*, n. 124 (6), 1967.
29. MILLER, Laurence. “On aphasia at 100: the neuropsychodynamic legacy of Sigmund Freud”. In *Psychoanalytic Review*, n. 78 (3), 1991.
30. MONZANI, Luiz R. *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: da Unicamp, 1989.
31. NAGEL, Ernest. *La estructura de la ciencia: problemas de la lógica de la investigación científica*. 3.ed. Buenos Aires: Paidós, 1978.
32. PRIBRAM, K. & GILL, M. *O ‘Projeto’ de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Cultrix, s.d.
33. RIZZUTO, Ana-Maria. “A hypothesis about Freud’s motive for writing the monograph ‘On aphasia’”. In *International Review of Psychoanalysis*, n. 16, 1989.
34. ———. “The origins of Freud’s concept of object representation (‘Objektvorstellung’) in his monograph ‘On aphasia’: its theoretical and technical importance”. In *International Journal of Psychoanalysis*, n. 71, 1990.
35. ———. “Freud’s speech apparatus and spontaneous speech”. In *International Journal of Psychoanalysis*, n. 74, 1993.
36. RYLE, Gilbert. *The Concept of Mind*. Londres: Hutchinson & Co., 1975.
37. SIMANKE, Richard T. “Memória, afeto e representação: o lugar do ‘Projeto...’ no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana”. In *Acheronta – Revista de Psicoanálisis y Cultura*, n. 20, Buenos Aires, 2004. Disponível em: www.acheronta.org
38. SOLMS, Mark. “Before and after Freud’s Project”. In R. M. Bilder & F. F. LeFever (orgs.). *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud’s ‘Project for a Scientific Psychology’*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1998.
39. STUART MILL, John. “Sistema de lógica dedutiva e indutiva”. In *Os pensadores: Jeremy Bentham, John Stuart Mill*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
40. WERNICKE, Carl. “The aphasia symptom-complex: a psychological study on an anatomic basis”. In Eggert, Gertrude H. (org.) *Wernicke’s Works on Aphasia: a sourcebook and review*. Haia/Paris/New York: Mouton Publishers, 1977.